

## NARRATIVA DE PROFESSORES: INSTRUMENTO DE REFLEXÃO DA PRÁTICA DOCENTE

### *TEACHERS' NARRATIVE: INSTRUMENT OF REFLECTION IN EDUCATIONAL PRACTICE*

Ana Luzia Videira Parisotto.<sup>1</sup>

Luciana de Oliveira Gonzaga.<sup>2</sup>

#### RESUMO

O presente artigo é fruto das discussões suscitadas na disciplina Formação do professor de línguas e noções de língua e cultura: papéis sociais em debate do Mestrado em Educação do PPGE- Unesp e tem por objetivo refletir sobre as contribuições da narrativa no contexto da formação docente. Realizou-se também uma revisão da literatura no que tange às práticas narrativas de professores. Para tanto, explicita-se sobre a relevância da utilização dessa prática no ambiente escolar, mais precisamente, na sala de aula, contribuindo assim, para a ação e reflexão da prática docente. Em seguida, apresenta-se o referencial teórico ao discutir sobre as narrativas e sua importância no contexto educacional. Por fim, conclui-se que as narrativas de professores é uma importante ferramenta da metodologia de investigação e um recurso fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional docente, assim como, sua prática constante permite a construção da identidade do professor e promove mudanças significativas nas práticas pedagógicas da escola.

**Palavras-chave:** Narrativas; Formação de professores; Desenvolvimento profissional.

#### ABSTRACT

*This article is the result of discussions in the course "Language Teacher Formation and Notions of Language and Culture: Social roles in Debate" at the Master's in Education at PPGE-Unesp and aims to reflect on the contributions of narrative in the context of teacher education. A literature review was also implemented regarding the teachers' narrative practices. Therefore, the relevance of using this practice in the school environment is*

---

<sup>1</sup> É licenciada em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras, Unesp/Assis (1990), onde cursou também o Mestrado e o Doutorado em Letras. Concluiu o Mestrado em 1999 e o Doutorado em 2004. Fez Pós-Doutorado na Faculdade de Ciências e Letras, Unesp/ Araraquara, 2015-2016. É docente e pesquisadora em RDIDP na Faculdade de Ciências e Tecnologia/Unesp, campus de Presidente Prudente. Atua no Departamento de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação.

<sup>2</sup> Professora efetiva no município de Birigui e Araçatuba. Mestranda em Educação na Unesp, Presidente Prudente.

*highlighted, more precisely, in the classroom, thus contributing to the action and reflection of educational practice. Then, the theoretical framework is presented, discussing narratives and their importance in the educational context. Finally, it is concluded that teachers' narratives are an important methodological research tool and a fundamental resource for teachers' personal and professional development. Their constant practice also allows the construction of the teacher's identity and promotes significant changes in the pedagogical practices of the school.*

**Keywords:** *Narratives; Teacher training; Professional development.*

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo resulta de debates desenvolvidos na disciplina Formação do professor de línguas e noções de língua e cultura: papéis sociais em debate do Mestrado em Educação do PPGE- Unesp, cujo objetivo é refletir sobre as contribuições da narrativa no contexto da formação de professores. Nas últimas décadas passou-se a reconhecer no campo educacional, a importância das narrativas como uma ferramenta da metodologia de investigação, da mesma maneira que, um recurso fundamental para o desenvolvimento pessoal e profissional de professores.

71

---

A escrita de narrativas para os professores no início da sua carreira como docente é uma ferramenta valiosa para potencializar o processo de reflexão sobre o ofício de transmitir conhecimentos, permite aos seus autores compreender as causas e consequências de suas ações ou de acontecimentos e, se for necessário, (re)elaborar novas estratégias a partir desse processo de reflexão, ação e nova reflexão.

O desenvolvimento profissional do professor, compreendido como um processo de reflexão e criticidade sobre a sua prática educativa, é fomentado por meio da escrita na qual concebe a (re)elaboração e (re)significação do pensamento pela construção do ato de escrever, esse que possibilita um (re)direcionamento mais aprimorado das ideias do que através da oralidade.

Ao considerar a narrativa como uma forma de aprendizagem que viabiliza o pensar sobre a prática e experiência docente, faz-se necessário conceber o autor numa posição de destaque ao qual lhe pertence, tornando-o um sujeito mais consciente enquanto ser

psicossomático, social, político e cultural. Ele se torna sujeito no momento em que é capaz de intervir no seu processo de aprendizagem e de formação para favorecer e para o orientar. (JOSSO, 1988, apud FREITAS; GHEDIN, 2015, p.120).

O professor na condição de aprendiz e protagonista, deve valer-se das narrativas como um instrumento de reflexão e ação, tornando essa ação mais consistente e prevenindo que alguns erros ou equívocos perpetuem-se em sua prática docente. A escrita de narrativas abre espaços e oportuniza, no nosso caso, às professoras em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido. A construção da narração inscreve-se na subjetividade e estrutura-se num tempo, que não é linear, mas num tempo da consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmo. (SOUZA, 2008, p.69).

Para Clandinin e Connelly (2011), apreciadores da pesquisa narrativa, a mesma por eles explorada, pressupõe a escrita narrativa. Tal consideração revela o quanto as diferentes formas de escrita se completam, resultando numa prática textual que expressa o pesquisador e o pesquisado.

Conforme Souza (2004; 2006a), o uso da Pesquisa Narrativa em Educação coloca em evidência as representações e experiências educativas dos sujeitos e contribui para entender os diferentes mecanismos e processos históricos relacionados ao processo educacional em diferentes contextos e época. Dessa forma, ela permite revelar a dimensão subjetiva das representações dos professores sobre sua identidade profissional, as fases da vida, e a compreensão dos sujeitos, sentidos e ações do contexto escolar.

A utilização das narrativas no contexto escolar, contribui para uma reflexão dos sujeitos envolvidos nesse cenário, portanto, ao expressar a subjetividade em forma de narrativa, ou seja, ao compartilhar suas histórias de vida “permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo, entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele” (MORAES, 2000, p. 81).

## 2. ITEM TEÓRICO

As narrativas são consideradas por muitos autores como um elemento importante na história da humanidade e, portanto, devem ser consideradas dentro dos seus respectivos contextos sociais, econômicos, políticos, históricos e educativos. Evidencia-se que as práticas narrativas são constituídas de vivências e experiências, adquiridas e construídas ao longo da história de vida do ser humano que solidificam e se estabelecem em imagens que são retomadas em situações cotidianas.

Quando se fala em narrativa, é preciso esclarecer o seu significado. De acordo com Stephens (1992), esta constitui-se a partir da imbricação de três componentes: História – abrange as personagens envolvidas em determinados acontecimentos, num espaço e tempo determinados e possibilita uma primeira interpretação do que é contado; Discurso – forma específica como qualquer história é apresentada; Significação – uma interpretação de segundo nível que o ouvinte/leitor/espectador obtém a partir do inter-relacionamento da história e do respectivo discurso.

Connelly e Clandinin (1990) estabelecem uma diferença entre narrativa e história. O fenômeno constitui a história, enquanto o método que a investiga e a descreve se concretiza numa narrativa. Assim, para os autores, a narrativa é o estudo das diferentes maneiras como os seres humanos experienciam o mundo. Pode dizer-se que as pessoas têm histórias e contam histórias das suas vidas, enquanto o investigador que utiliza o método da narrativa as descreve e faz construção e reconstrução das histórias pessoais e sociais, de acordo com um modelo interpretativo dos acontecimentos (CARTER, 1993).

Elbaz (1990) enumera seis razões para considerar a narrativa um bom método de tornar públicas as vozes dos professores: as histórias revelam conhecimento tácito, importante para ser compreendido; têm lugar num contexto significativo; apelam à tradição de contar histórias, o que dá uma estrutura à expressão; geralmente está envolvida uma lição moral a ser aprendida; podem dar voz ao criticismo de um modo social aceitável; refletem a não separação entre pensamento e ação no ato de contar, no diálogo entre narrador e audiência.

Para Chapman (1992) o professor é a história, uma história particular em termos de passado, presente e de experiências antecipadas. Neste contexto, os professores não só trazem para a escola uma história pessoal que dá sentido às suas ações, mas também vivem nela uma história que os ajuda a dar sentido ao mundo. O modo como organizam a aula e interagem com os alunos pode ser visto como o construir e reconstruir a história da sua experiência pessoal. As explicações contêm crenças e valores, assim como ações de referência, e no método narrativo os assuntos são contextualizados em termos de acontecimentos que são analisados, mais tarde, de uma forma pessoal, dando aos acontecimentos um significado situacional. as histórias “lembram-nos que estamos no negócio do ensino, da aprendizagem e da investigação para melhorar a condição humana” (WITHRELL & NODDINGS, 1991, p. 280).

Academicamente, o termo narrativa designa a ação, o processo ou o efeito de narrar uma história. Em literatura, a narrativa é a conexão entre todos os elementos que compõem o enredo: personagens, tempo, espaço e conflito. O narrador exerce a função primordial de “contação” da história. É ele quem direciona o imaginário do leitor durante o processo de composição da trama. As estruturas das histórias narrativas normalmente seguem a lógica da apresentação, do conflito, do clímax e do desfecho.

Para Bruner (2002, p. 46), “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores” e acrescenta, mais à frente que “ela pode ser “real” ou “imaginária” sem perder seu poder como história” (p.47).

Para Labov e Waletzky (1967, p.21-22), que trabalharam com narrativas orais, a narrativa de experiência pessoal é “um método de recapitulação de experiências passadas combinando uma sequência verbal de orações com a sequência de eventos realmente acontecidos”. Em um trabalho seguinte, Labov (1997) define narrativa de uma experiência pessoal, como “o relato de uma sequência de eventos que entraram para a biografia do falante por meio de uma sequência de orações que correspondem à ordem dos eventos originais”.

Em um contexto crítico e reflexivo do ambiente escolar, as narrativas apresentam-se como um modo de instigar a reflexão, objeto da formação de professores, e esta pode contribuir

para os sujeitos em formação superarem o obstáculo segundo Demartini (2008, p.47), o de transformar a própria experiência em conhecimento. Refletir conduz o sujeito em formação a descobrir que já possui conhecimentos e competências, “[...] parte importante da competência profissional dos professores tem raízes em sua história de vida” (TARDIF, 2014, p.69).

As narrativas têm sido utilizadas: a) na construção de conhecimentos e no desenvolvimento de capacidades e atitudes; b) no desenvolvimento pessoal e profissional de professores, e c) na investigação educativa (CLANDININ e CONNELLY, 1991; EGAN 1986; GALVAO, 2005; PRESKILL e JACOBVITZ, 2001; ROLDÃO, 1995).

Ao refletir sobre sua trajetória de formação e saberes adquiridos, o professor compreende o quanto sua história reflete na sua escolha profissional e no modo de compreender a sua profissão. O contar de si próprio por meio de narrativas possibilita o contato com sua “singularidade” e um “mergulho na interioridade que traz a reflexão sobre sua identidade (SOUZA, 2008).

Quando contam histórias sobre algum acontecimento ao longo da sua trajetória profissional, os professores não apenas registram esse acontecimento, mas também, alteram suas formas de pensar e de agir; ao mesmo tempo, em que modifica suas práticas e mantém uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional. Através da construção de narrativas, os educadores reconstróem as suas próprias experiências de ensino e aprendizagem e os seus percursos de formação. Dessa forma explicitam os conhecimentos pedagógicos construídos através das suas experiências, permitindo a sua análise, discussão e eventual reformulação.

A produção de narrativas (orais ou escritas) sobre a experiência pedagógica constitui para o professor, um forte processo de desenvolvimento pessoal e profissional ao fomentar, entre outros aspectos, o questionamento e a reflexão das suas competências e ações, a tomada de consciência do que já sabe e do que precisa aprender, o desejo de mudança, e o estabelecimento de compromissos e a definição de metas a atingir.

De acordo com Tardif (2008,p11), o saber dos professores está relacionado consigo como pessoa, “com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola”. Verifica-se que as práticas formativas utilizando as narrativas além de fornecer inúmeras contribuições para a compreensão dos mecanismos envolvidos na aprendizagem da docência, também fornecem subsídios para a melhora das práticas pedagógicas na direção dos objetivos almejados pelo grupo.

Ao socializar essas narrativas formadoras, outros professores podem ler, analisar e discutir, atribuindo-lhes um sentido e apropriando-se do seu conteúdo de uma forma demasiadamente particular (através de suas vivências e experiências), retirando dessas histórias os aspectos que consideram mais significativos e capazes de contribuir com a sua prática profissional. As narrativas, apesar do distanciamento de quem as lê e analisa, permitem a aproximação dos leitores por um dispositivo de identificação com as situações descritas.

Apresenta-se uma narrativa abaixo que suscitou inúmeras reflexões e discussões sobre a experiência de uma professora, compartilhada na disciplina de Formação do professor de línguas e noções de língua e cultura: papéis sociais em debate, no curso de Mestrado em Educação:

*O ano era 2013, se não me engano, na cidade de Birigui, mais conhecida como “Cidade Pérola”. Era meu segundo ano de trabalho, ou seja, o “chão” da escola ainda era um pouco desconhecido para mim. Naquele início de tarde, a secretária escolar me avisou que eu teria um aluno e que havia vindo de São Paulo. Recebi a notícia um pouco chateada, pois já estávamos na metade do ano e eu na minha concepção tradicionalista, já tinha “consertado” toda a turma. Confesso que em poucos segundos, me surgiram vários pensamentos preconceituosos: como assim eu me questionava, um aluno da capital vindo para o interior, qual seria o motivo, deve ser terrível, imagina, vindo de uma cidade grande, naquela época “boa coisa” não era. Enfim, bateu o sinal da entrada e lá fui eu carregada com minha bolsa enorme e pesada, cheia de livros e conhecimento para repassar para a turma. Quando cheguei a minha fila os alunos já correram para me contar a novidade: - Prô, temos um aluno novo na turma! Desanimada eu respondi: - Eu já sei. Voltei meus olhos naquele instante para o final da fila e vi o “tal aluno novo” de São Paulo, negro, com suas vestes simples e com uma bolsa também enorme, assim como a minha. Enfim, minhas mãos gelaram e só conseguia reproduzir o pensamento: aluno da capital, negro, morador de favela, vai “estragar” a minha turma. Deixei que todos os alunos entrassem e literalmente “barrei” o menino na porta, naquela hora senti que deveria fazer o trabalho de um policial, ou seja, levantar os antecedentes do meliante. Então carregada dos meus preconceitos e no fundinho com um pouco de raiva da minha má*

sorte, confesso, fiz inúmeros questionamentos ao aluno: se já sabia ler e escrever, se o pai e a mãe eram casados, se morava em favela, falava palavrões, era da igreja, etc. Eu pensava ser minha “função” fazer um levantamento prévio para escolher um “melhor lugar” para o aluno se sentar, afinal eu não queria “estragar a turma” e precisava manter o bom rendimento dos demais alunos. O interessante naquele momento, era que o menino me respondia calmamente aos questionamentos e sem titubear. Às vezes, eu ficava com um pouco de dó dele, mas afinal, eu precisava pensar na turma, pois eu também era uma professora nova na escola e precisava “mostrar serviço”. Ao final do dia, o aluno foi embora e minha saudosa diretora na época, me relatou que o meu tal aluno novo de São Paulo, cujo nome é Noel, havia entrado espontaneamente em sua sala para apresentar-se. O tempo foi passando e comecei a ver o Noel com os olhos do coração, era uma criança muito amorosa, sensível e com uma oralidade impecável para sua idade. Até o final do ano conheci a sua mãe em uma reunião e que me contou da sua origem simples e do ensinamento cristão que dava ao filho. Comigo Noel ficou por 3 anos e foi um aluno sempre gentil, prestativo, inteligente e que amava ler, e eu já ia me esquecendo, aquela bolsa pesada que carregava no primeiro dia de aula, era a sua bíblia que lia no recreio, ou na sala quando sobrava um tempinho. Tive na época um bom relacionamento com sua família e inclusive sua mãe, me enviou um convite para o chá de bebê da sua nova filha. No dia, infelizmente, não consegui comparecer, mas fiz questão de enviar pelo Noel algumas roupinhas que havia comprado para a já querida “irmã do Noel”. Alguns anos se passaram e recebi uma solicitação de amizade pelo Facebook e decidi aceitar, imaginei que o adolescente havia me confundido com alguém. Rapidamente chegou uma mensagem bem extensa, era do meu querido Noel dizendo que fazia um tempo que estava me procurando, juntamente com os demais alunos da minha antiga turma “modelo”. Conversamos naquele dia por um bom tempo e lágrimas rolaram pelo meu rosto ao ler o seu agradecimento por eu ter sido sua professora, pela minha dedicação em sala e pelas orientações e conselhos que passava naquela época. Ele também queria contar sobre seus estudos e preparativos para concorrer a uma vaga de medicina, por isso estava a minha procura. Naquele momento, não sabia se minhas lágrimas eram de alegria e orgulho, ou se eram de arrependimento e constrangimento, pois me lembrei daquele preconceito e investigação que fiz na porta da sala ao receber o Noel em seu primeiro dia na escola nova. A partir disso, e até mesmo antes desse “encontro virtual”, comecei a rever minha postura enquanto professora, desmitificando crenças e julgamentos, principalmente rompendo com meus preconceitos. Por isso, optei espontaneamente em transformar essa narrativa oral em um texto escrito para compartilhar com vocês, parceiros acadêmicos, que é possível sim, repensar e mudar crenças e julgamentos. Infelizmente é um relato vergonhoso, mas ao tempo reflexivo e autocrítico e confesso que continuo até hoje batalhando em busca de romper com meus preconceitos e julgamentos enquanto profissional e também pessoal, entretanto acredito que já dei o pontapé inicial, por isso a escrita dessa narrativa. (PROFESSOR ANÔNIMO)

Ao final da leitura os discentes foram convidados a tecer suas considerações acerca do que havia sido exposto pela professora, denominada como professora A. Relacionando a sua experiência pedagógica, segundo o professor B:

Trabalhando com projetos na escola, é interessante perceber que alunos que tem dificuldades de relacionamento em sala de aula e até de aprendizagem, acabam se destacando e assumindo o papel de protagonistas nos projetos.

Complementando o exposto, a professora A compartilhou uma reflexão crítica em relação a mudança na sua abordagem de ensino ao longo de sua trajetória profissional:

Quando eu passei a refletir mais sobre a minha prática e a realizar uma abordagem mais dialógica em sala, meus alunos começaram a ser considerados uma “ótima turma” pelos demais professores, e às vezes, no ano seguinte se transformavam negativamente quando outras professoras com uma postura mais tradicionalista assumiam as turmas. Isso me fazia refletir sobre a importância desse tipo de abordagem dando “voz e protagonismo” aos alunos em sala. (PROFESSORA A)

Além dessas narrativas, outras foram expostas em relação às posturas pedagógicas referente ao primeiro dia de aula enquanto professores recém formados, à necessidade de uma Avaliação formativa e somativa, ao contrário da excludente e classificatória; assim como, reflexões autocríticas sobre os entraves pedagógicos em relação aos alunos com deficiências em sala de aula.

Compreende-se então, que as narrativas de professores experientes constituem uma fonte poderosa de inspiração e conhecimento, capaz de estimular os professores-leitores a refletirem profundamente sobre as suas vidas e a sua profissão (PRESKILL e JACOBVITZ, 2001). Consoante com essa afirmação, a professora A relatou aos demais parceiros acadêmicos, um evento ocorrido em um dia de aula e como aquela situação provocou uma reflexão e quiçá mudou a sua prática pedagógica; elaborou assim, uma narrativa não só marcada por um relato de experiência particular, mas também, de acordo com ela, impregnada por julgamentos preconceituosos e juízos de valor, que outrora marcavam a sua prática educativa.

Por meio da utilização de narrativas em contextos de formação inicial e contínua, discute-se sobre importantes questões que levam os professores a (re)examinarem as suas perspectivas acerca do ensino e da aprendizagem e de suas próprias ações. Muitas narrativas, assim como as expostas, evidenciam, de forma inspiradora, como professores e alunos aprendem uns com os outros em diferentes situações e contextos; e como os impactos de determinadas experiências na escola são fontes imensuráveis de aprendizado, reflexão e com um grande impacto profissional na prática docente. A análise destas narrativas funciona como um catalizador de reflexão e de mudança do professor, decisivo, por exemplo, no

estabelecimento de orientações para a concepção e realização de novas experiências de aprendizagem (REIS,2004,2008).

A escola, torna-se então, um palco de muitas histórias vividas e as narrativas desses fatos ampliam a compreensão das interações significativas entre professores, alunos e demais funcionários que ali trabalham. Segundo Galvão (1988), a análise da potencialidade das narrativas para investigar o conhecimento profissional de professores exige que olhemos para o todo. Por esse motivo, faz-se necessário procurar as diferentes dimensões dessa formação desde os sistemas de crenças, anteriores à prática, e o confronto com a realidade vivenciada na prática desse profissional.

Ao narrar por meio da escrita reflexiva suas experiências aos demais parceiros acadêmicos, a professora A, foi capaz de aprender e também ensinar: organizou suas ideias, escreveu sua narrativa, sistematizou suas experiências e deu sentido a elas, e, portanto, conquistou novas aprendizagens para si, através da reflexão, ação e nova reflexão. Dessa forma, os demais ouvintes, diante da narrativa e dos saberes da professora A, puderam (re)significar seus próprios saberes e experiências. Para Reis (2008)

Os professores, quando contam histórias sobre algum acontecimento do seu percurso profissional, fazem algo mais do que registrar esse acontecimento; acabam por alterar formas de pensar e de agir, sentir motivação para modificar as suas práticas e manter uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional. Através da construção de narrativas os professores reconstróem as suas próprias experiências de ensino e aprendizagem e os seus percursos de formação. Desta forma, explicitam os conhecimentos pedagógicos construídos através das suas experiências, permitindo a sua análise, discussão e eventual reformulação. A redação de relatos sobre as suas experiências pedagógicas constitui, por si só, um forte processo de desenvolvimento pessoal e profissional ao desencadear, entre outros aspectos: a) o questionamento das suas competências e das suas ações; b) a tomada de consciência do que sabem e do que necessitam de aprender; c) o desejo de mudança; e d) o estabelecimento de compromissos e a definição de metas a atingir. (REIS, 2008, p. 18).

A escrita para a professora A, além de uma forma de expressão, converteu-se como uma possibilidade de emancipação. A reflexão de si mesma possibilitou uma ressignificação de saberes e valores através da desconstrução e reconstrução de novos sentidos que redirecionaram a sua trajetória docente.

Para Larrosa (1998, p.38): “quando contamos nossas histórias e experiências para os outros, de forma escrita ou oral, elas deixam de ser somente nossas, pois passam a fazer parte da vida do outro”. Então, as narrativas fornecem a junção das vidas do narrador e do ouvinte que, ao compartilhar dos relatos do narrador, pode tanto reinterpretá-los, quanto recriá-los consoante às suas próprias formas de pensar, sentir e agir.

Para a pesquisadora Inês Ferreira de Souza Bragança (2008)

As narrativas não descrevem apenas a realidade, são produtoras de conhecimento individual e coletivo e, no caso dos professores/as, potencializam os movimentos de reflexão sobre as próprias experiências, teorias e práticas. O saber da experiência assume centralidade, envolvendo as diversas dinâmicas formativas ao longo da vida e também os movimentos em direção ao futuro. (BRAGANÇA, 2008, p. 75).

Assim, o narrador-professor ao contar sobre algum acontecimento da sua trajetória profissional, faz mais do que registrar esse acontecimento, altera também, as formas de se pensar e agir, refletindo numa atitude crítica e reflexiva sobre o seu desempenho profissional através da construção dessa narrativa. Desta maneira, explicita os conhecimentos pedagógicos construídos por meio de suas experiências, permitindo a sua análise, discussão e possivelmente reformulação.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as últimas décadas a educação passou a conceber, de forma crescente e significativa, a importância da narrativa como uma metodologia de investigação e de desenvolvimento profissional, na qual o professor narra determinada situação, ao mesmo tempo em que é capaz de compreender suas causas e consequências, e a partir dela, criar novas estratégias num processo de reflexão, investigação e nova reflexão.

A narrativa é, portanto, considerada um processo de formação que evidencia a relação investigação/formação colocando em confronto saberes diferenciados, provenientes de modos de vida que refletem aprendizagens personalizadas. Constitui-se de situações que envolvem uma carga emotiva intensa e que traz à memória as emoções positivas ou negativas para o

sujeito que as vivenciou, representa assim, momentos decisivos para mudanças e transformações.

As narrativas de formação compõem-se assim, de recordações consideradas pelos narradores como experiências significativas das suas aprendizagens, análises da sua evolução nos caminhos socioculturais e das representações que construíram de si mesmos e do seu ambiente humano natural.

Na formação inicial e contínua de professores, o uso de narrativas possibilita a construção de inúmeros olhares, fruto de um processo constante de reflexão e reconstrução dos fatos vivenciados. Constitui-se numa aprendizagem experiencial ao colocar o sujeito numa prática subjetiva e intersubjetiva do seu processo de formação, tramada nas experiências e aprendizagens ao longo da vida e que registradas no texto narrativo propiciam o exercício da autorreflexão, compreensão e análise da dimensão pessoal e profissional.

Em síntese, a narrativa formativa permite, a partir da reflexão que a envolve, construir o conhecimento sobre a docência em uma visão mais ampla e profunda. Nela encontra-se o sentimento, a (re)significação e o sentido das histórias trazidas por meio da voz de seus protagonistas, os professores.

## REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores/as: um olhar dirigido à literatura educacional**. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). Histórias de vida e formação de professores. Rio de Janeiro: Quartet Faperj, 2008. p. 65-81.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002

CARTER, Kathy. **The place of story in the study of teaching and teacher education**. Washington: Educational Researcher, 1993.

CHAPMAN, Olive. **Narrative and teacher-student relationships**. In: Conference on teachers' stories of life and work: the place of narrative in personal professional development, 1992, Liverpool. Paper... Liverpool: University of Liverpool, 1992.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Stories of experience and Narrative Inquiry**. In: Educational Researcher, Vol. 19, No. 5 (Jun. - Jul., 1990), p. 2-14.

DERMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Das histórias de vida às histórias de formação**. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.); Dirceu Castilho Pacheco et al. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

ELBAZ-LUWISCH, Freema. **O ensino e a identidade narrativa**. Lisboa: Revista de Educação, 2002.

GALVÃO, Cecília. **Professor: o início da prática profissional**. 1998. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, Lisboa (POR), 1998.

JOSSO, Christine Marie. **Da formação do sujeito... ao sujeito da formação**. In: NÓVOA, Antonio.; FINGER, Marcelo (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/ Ministério da Saúde, 1988. p. 35-50.

LABOV, Willian; Waletzky, Josgua. **Narrative analysis**. In: HELM, J. (Ed.). **Essays on the Verbal and Visual Arts**. Seattle: U. of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

PRESKILL, Stephen.; JACOBVITZ, Robin. **Stories of teaching: A foundation for educational renewal**. Upper Saddle River: Merrill Prentice Hall, 2001.

REIS, Pedro. **A escola e as controvérsias sociocientíficas: Perspectivas de alunos e professores**. Lisboa: Escolar Editora, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.); Dirceu Castilho Pacheco [et al]. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

STEPHENS, John. **Linguagem e ideologia na ficção infantil**. Londres: Longman, 1992.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

WITHERELL, Carol.; NODDINGS, Nel. **Stories lives tell: narrative and dialogue in education**. New York: Teachers College Press, 1991.

---

Submetido: 08/01/2022

Aprovado: 24/09/2022